

A sociedade da transparência através de um conto de Veronica Stigger.

LARISSA CUNHA DA SILVA¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS³

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – larissacunhasilva5@gmail.com

³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Domitila” da autora gaúcha Veronica Stigger. O conto está no livro *Gran Cabaret Demenzial* (2007). Nessa antologia, onde estão presentes mais dezoito contos da autora, Stigger enfatiza aspectos grotescos de situações cotidianas, propondo um contraponto entre o genuíno e o imaginário.

“Domitila” possui um narrador em terceira pessoa que acompanha duas personagens, Domitila e seu namorado, em um passeio de carro pela cidade em um domingo à tarde. O que poderia ser uma cena trivial se transforma em uma sucessão de episódios grotescos, que culminam na mutilação da protagonista, que ao final encontra-se sem um braço e com ambas as pernas quebradas.

Dessa forma, Stigger rompe com as expectativas convencionais, de uma narrativa realista. Para investigar os sentidos dessa ruptura, apoiamo-nos no pensamento de Byung-Chul Han, nas obras *Sociedade da Transparência* (2016) e *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021).

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, com o levantamento dos elementos narrativos do conto “Domitila”, de Veronica Stigger, analisados à luz dos conceitos de sociedade da transparência e poética da dor expostos nas obras *Sociedade da Transparência* (2016) e *Sociedade Paliativa: a dor hoje* (2021) do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa busca entender o conceito de transparência proposto por Byung-Chul Han em seu livro *Sociedade da Transparência*, em que o autor sugere que a sociedade atual enfatiza a positividade criando-se assim um ambiente em que dores e desconfortos, emocionais e físicos, devem ser ignorados e expostos por cada indivíduos de uma maneira positiva.

Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vai se desconstruindo cada vez mais a negatividade em favor da positividade. Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma sociedade positiva. (HAN, 2016, p. 8)

Dessa forma, ao analisarmos essa perspectiva através dos conceitos desenvolvidos por Han, podemos interpretar que a personagem principal do conto estaria ignorando a própria dor para contribuir com a ideia de positividade. Neste contexto, quando o namorado de Domitila começa o passeio, a primeira calamidade que acomete a personagem é ferir o olho no vidro semiaberto do carro. E, logo após esse incidente, o namorado continua a correr pelas ruas da cidade, chegando a cento e vinte quilômetros por hora, o que ressalta sua inconsequência e a falta de importância e reconhecimento para a situação da própria namorada.

Após o incidente com o vidro, as mutilações que Domitila sofre escalonam ao ponto de deixar o leitor sem compreender o que está acontecendo. Ela coloca o braço para fora do carro e atinge um poste, perdendo dois dedos e quebrando outros dois. O sangue suja seu vestido e o tapete do carro, mas o namorado não interrompe o trajeto. Logo após, Domitila coloca novamente o braço para fora, um motoqueiro bate em seu antebraço quebrando-o, enquanto que o motoqueiro é arremessado para a calçada. Neste momento, o namorado desce e vai até o motoqueiro, chuta o corpo e consta que está morto. Domitila acompanha a situação pela janela aberta do carro. O que se passa nestes trechos do conto proporcionam ao leitor uma quebra de expectativa, embora a escritora já tenha demonstrado que o namorado não possui qualquer reação ao que está ao seu redor. Domitila apenas assiste, de forma passiva, o que se passa com ela e com o motoqueiro. Dessa forma, podemos relacionar esse acontecimento com o que Han (2016) define como esfera social em que cada indivíduo quer estar junto de si, ignorando o outro que atrapalha sua positividade.

Avançando mais no conto, o namorado continua correndo pela cidade e Domitila avista uma árvore, se apoia no painel com o braço bom e projeta o que restou do outro braço para fora, quando bate na árvore o que restava de seu braço se solta restando somente um cotoco. Em seguida eles fazem uma parada para um sorvete, o que acarreta na única interação entre as personagens quando Domitila avisa que irá ao banheiro. Após o sorvete, Domitila avista um ônibus e para na frente, quando o automóvel bate, ela é arremessada na rua e um carro passa por cima de suas pernas. O namorado até tenta ajudar Domitila a se levantar, mas ela somente consegue se arrastar, em seguida ele a deposita em frente ao seu prédio e vai embora. Após quarenta e nove minutos e três lances de escada para chegar no apartamento, Domitila é recebida pela mãe que a recebe como se nada tivesse acontecido, dizendo para a filha tomar um banho porque o jantar já está quase pronto. No banho, o leitor obtém uma revelação:

Pega sua gilete com a única mão, e com a inaptidão comum dos destros forçados a usarem a mão esquerda, concentra-se para fazer cortes profundos em torno dos mamilos de ambos os seios, bem em cima dos talhos que ela vem produzindo diariamente ao longo das últimas três semanas e quatro dias. Desta vez, a parte de cima do mamilo esquerdo entorna. Domitila sorri e pensa: “Mais uns dias, e eles caem”. (STIGGER, 2007, p. 7)

Após o passeio, em que Domitila fez o possível para sofrer danos físicos, fica evidente que ela está praticando esses atos mesmo quando sozinha, o que responde o motivo dela não ter qualquer reação aos ferimentos sofridos durante a saída com o namorado. Porém, também é possível perceber que aqueles que estão ao seu redor não esboçam nenhum tipo de reação, Han (2021) analisa essa

falta de reação como uma eliminação do outro, seria considerar o outro uma coisa, um objeto, porque objetos são indolentes. Um forte argumento para essa coisificação é a própria falta de interação entre Domitila, o namorado e sua mãe, aqueles que estão ao seu redor não lhe dão importância. Dessa forma, Han (2016) classifica a sociedade positiva como uma organização que não admite o sentimento negativo, e essa negação leva ao esquecimento, cada indivíduo esquece como lidar com sofrimento e com a dor.

Mas acima de tudo, além das personagens não darem atenção aos sentimentos de Domitila, negando-se a vê-la como um indivíduo dotado de sentimentos, a própria Domitila não percebe o que está sentindo, ao menos não parece dar importância aos seus sentimentos. Freud (2017) descreve que há na dor corporal um investimento narcísico que produz um esvaziamento do “eu”. Ao associarmos essa ideia a Domitila, percebemos que ela não consegue perceber o próprio corpo como um “eu”. Han (2021) elabora que a sociedade paliativa elimina o outro como indivíduo, no caso de Domitila, ela elimina a si mesma. Dessa forma, podemos até supor que ela tentou demonstrar para quem estava ao seu redor o que estava sentindo, expondo suas mutilações, mas ignorada por aqueles que não reconhecem sua dor como válida. Han (2021) ressalta o papel da poética da dor, que na sociedade desaprendemos a fazer a dor narrável, não sabemos mais como expor o que sentimos em vista de um silenciamento que busca uma alta performance positiva..

Outro ponto a ser mencionado é como a narrativa criada por Stigger sugere elementos de uma mecânica contemporânea pautada no uso do tempo, a cada momento do conto a autora frisa o tempo, seja em segundos ou minutos. Han (2017) aponta que atualmente a comunicação da sociedade positiva é feita através de uma mecanização, dessa forma as interações não possuem profundidade. Dessa forma, o conto aborda exatamente essa mecanização através do horário delimitado em cada ação das personagens e nas interações entre Domitila, seu namorado e sua mãe. Toda essa ambientação faz com que o conto possa se relacionar com a contemporaneidade e com as teorias desenvolvidas por Han.

4. CONCLUSÕES

A leitura do conto *Domitila*, de Veronica Stigger, evidencia que a narrativa literária pode explorar de maneira surreal e grotesca os limites da dor. Porém, através da análise embasada nos textos de Byung-Chul Han percebe-se que o conto pode ser interpretado através de um viés social e contemporâneo, onde a lógica atual cria uma invisibilidade daquilo que não contribui para a narrativa da positividade. A dor, neste contexto, deixa de ser partilhada e passa a ser silenciada e naturalizada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**, Editora Vozes, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa: a dor hoje**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2021.

PENA, Eduarda Duarte. **O corpo fragmentado e monstruoso em três contos de Verônica Stigger**. Minas Gerais, Revista Crátilo, 2021. Acesso em <<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/3788/1330>>

STIGGER, Veronica. **Gran Cabaret Demenzial**. São Paulo, Sesi-SP. 2018.